



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**JOYCE FELIPE DE ARAÚJO**

**ANÁLISE DA ATITUDE LINGUÍSTICA: COMPREENDENDO O FENÔMENO DA  
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

**GUARABIRA**

**2021**

JOYCE FELIPE DE ARAÚJO

**ANÁLISE DA ATITUDE LINGUÍSTICA: COMPREENDENDO O FENÔMENO DA  
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras Português.

**Área de concentração:** Letramentos e Práticas Sociais.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Ferreira de Melo Martins.

**GUARABIRA**

**2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663a Araújo, Joyce Felipe de.  
Análise da atitude linguística [manuscrito] : compreendendo o fenômeno da variação linguística / Joyce Felipe de Araujo. - 2021.  
27 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.  
"Orientação : Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins, Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Variação linguística. 2. Atitude linguística. 3. Heterogeneidade. I. Título  
  
21. ed. CDD 410

JOYCE FELIPE DE ARAÚJO

**ANÁLISE DA ATITUDE LINGUÍSTICA: COMPREENDENDO O FENÔMENO DA  
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras Português.

Área de concentração: Sociolinguística.

Aprovada em: 08/10/2021.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Ferreira de Melo Martins (UEPB)

Orientadora



---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (UEPB)

1<sup>a</sup> Examinadora



---

Prof. Esp. André Luiz Souza da Silva (UEPB)

2<sup>o</sup> Examinador

A todos que contribuíram com o meu processo.  
Em especial aos meus pais, por sempre  
sonharem os meus sonhos e serem todo o  
suporte que preciso para que eles se tornem  
real, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu Deus, por ter me permitido a chegada até aqui, por toda fortaleza, discernimento e proteção; por nunca me desamparar e sempre me dar sabedoria para destrinchar os momentos mais difíceis desta caminhada. Para ele, todas as minhas conquistas. Gratidão, meu Deus!

Agradecer a toda minha família, sobretudo a minha mãe, Rosineide, por sonhar os meus sonhos, me incentivar e apoiar de todas as maneiras possíveis. Ela foi e é o principal motivo para eu seguir firme nesta jornada de tantos desafios. Ao meu pai, Francisco, por sempre acreditar tanto em mim, apostar que este sonho seria possível, vibrar as minhas alegrias e se entristecer com as minhas tristezas. Minha irmã, Nilmara, por dividir comigo todos os momentos alegres e tristes desta trajetória, me ouvir, aconselhar e torcer para que tudo sempre ocorra da melhor forma. Minha família, meu tudo, essa vitória é nossa! Por vocês e para vocês todas as minhas conquistas!

Meus mais sinceros agradecimentos ao meu esposo, Marcos, por vivenciar comigo todo esse período acadêmico, sendo apoio, incentivo e colo em todos os momentos que eu precisei. Obrigada, meu amor, por toda dedicação e paciência!

Aos meus amigos/familiares: Natália, Breno, Mayara, Gustavo, Vitor, Nilmara e Marcos; por serem incentivo, apoio, alegria e diversão. Vocês tornam a vida muito mais leve, feliz e descontraída! Gratidão por todos os momentos em que precisei de distração e lá estavam vocês, com toda alegria e disposição do mundo. Eu amo todos, cada um à sua maneira!

Gratidão à minha turma, 2017.1: vocês foram essenciais na minha jornada. Agradecer, em especial, ao grupo de amigos que a Universidade me apresentou, ou melhor, presenteou: Juliene, Juliana, Joabe, Amanda e Clarice. Gratidão, todos os dias, por tê-los comigo. Verdadeiros presentes do Divino. Sem vocês a caminhada teria sido muito mais dura e árdua. Obrigada por terem ressignificado minha história acadêmica, por serem leveza, alegria e amor em meio a tanto caos. Levarei vocês para a vida! Amo cada um, incondicionalmente! Falando em amigos, gratidão ao Prof. Dr. Antônio Flávio que além de professor se fez um grande amigo. Falar dele é falar sobre inspiração. Flávio, te levarei como exemplo para a vida!

Infinitos agradecimentos à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara, pela dedicação, ensinamentos, disponibilidade e preocupação. Você é inspiração e eu espero, um dia, poder ser metade do que você representa para mim. Gratidão, minha querida! Estender os agradecimentos à minha banca examinadora: ao Prof. Esp. André que foi luz e inspiração em minha vida acadêmica desde o primeiro semestre. Por todos os ensinamentos, gratidão, tio André! Agradecer também a Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosângela, que é sinônimo de amor, dedicação e delicadeza. Gratidão por me inspirar e me fazer sentir um misto de emoção a cada aula que tivemos o privilégio de compartilhar.

No mais, minha eterna Gratidão à UPEB, Campus III, por ter me acolhido e proporcionado momentos magníficos. Gratidão eterna a cada professor (a) que contribuiu com o meu crescimento/formação pessoal e profissional, sem vocês nada disso teria sido possível. Gratidão! Pelo dom da vida, pelas pessoas, pelas oportunidades, pelas conquistas... GRATIDÃO, UNIVERSO! GRATIDÃO, MEU DEUS!

“Quase me apetece dizer que não há uma língua portuguesa, há línguas em português”.

José Saramago, 2004.

# ANÁLISE DA ATITUDE LINGUÍSTICA: COMPREENDENDO O FENÔMENO DA VARIACÃO LINGUÍSTICA

Joyce Felipe de Araújo<sup>1</sup>

## RESUMO

Entende-se por variação linguística as inúmeras formas de manifestação de uma língua. Assim, para compreendermos esse fenômeno precisamos nos atentar à heterogeneidade e evolução linguística, levando em consideração os aspectos sócio-histórico-culturais do sujeito falante. É importante, ainda, frisar que é muito comum flagrarmos a falta de conhecimento sobre a variação e mudança da língua e, por consequência, o aumento do preconceito linguístico em nosso meio social. Desta forma, justificamos a importância de trabalhar com esta temática, principalmente na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, visando o conhecimento a partir da percepção de língua de sujeitos falantes de diferentes estados. Para refletir sobre a temática, este trabalho teve como objetivo geral analisar a atitude linguística de cinco falantes do estado do Rio de Janeiro e cinco do estado da Paraíba em relação à variação linguística e o preconceito linguístico a partir de um questionário social. A fim de alcançar o objetivo estipulado, desenvolvemos uma pesquisa de caráter descritivo, de cunho qualitativo Gil (2002). Dessa forma, o processo consistiu em um levantamento sobre a variação e a percepção linguística do grupo de informantes de diferentes estados. O aporte teórico se fundamentou em autores como: Bagno (1999; 2007), Labov (2008), Bortoni (2005), Lucchesi (2015), Antunes (2009), entre outros, os quais nos trazem profícuos ensinamentos sobre os diversos tipos de variação, os espaços que elas ocupam no contexto social, fazendo menção à heterogeneidade presente na língua e a forte influência da cultura na composição do eu social. O estudo também nos permitiu refletir acerca da riqueza que nossa língua apresenta e da consciência que devemos ter quando falamos em língua culta ou popular. Essa consciência se relaciona ao conhecimento sobre a diversidade da língua presente nos discursos das mais diversas esferas da população. É por isto que se faz importante atentarmos para as nossas atitudes linguísticas acerca de um jeito certo ou errado de utilizar a língua, tendo em vista a constatação do preconceito linguístico na sociedade, através da pesquisa, para que assim, compreendamos que não existe uma variante melhor do que a outra.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Atitude linguística. Heterogeneidade.

## ABSTRACT

Linguistic variation is understood as the countless forms of expression of a language. Thus, in order to understand this phenomenon, we need to pay attention to linguistic heterogeneity and evolution, taking into account the socio-historical-cultural aspects of the speaking subject. It is also important to emphasize that it is very common to see the lack of knowledge about the variation and change of language and, consequently, the increase of linguistic prejudice in our social environment. In this way, we justify the importance of working with this thematic, mainly from the perspective of Variationist Sociolinguistics, aiming at knowledge based on the language perception of speaking subjects from different states. To reflect on the thematic, this study aimed to analyze the linguistic attitude of five speakers from the state of Rio de Janeiro and five from the state of Paraíba in relation to linguistic variation and linguistic prejudice based

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras – Português pela Universidade Estadual da Paraíba; foi bolsista pelo PIBID entre os anos 2018-2020.

on a social questionnaire. In order to reach the stipulated objective, we developed a descriptive research, of a qualitative nature, Gil (2002). Thus, the process consisted of a survey on the linguistic variation and perception of the group of informants from different states. The theoretical contribution was based on authors such as: Bagno (1999; 2007), Labov (2008), Bortoni (2005), Lucchesi (2015), Antunes (2009), among others, which bring us fruitful lessons about the different types of variation, the spaces they occupy in the social context, mentioning the heterogeneity present in the language and the strong influence of culture in the composition of the social self. The study also allowed us to reflect on the richness that our language is, and the awareness we must have when we speak in a cultured or popular language. This awareness is related to knowledge about the diversity of the language present in the speeches of the most diverse spheres of the population. This is why it is important to pay attention to our linguistic attitudes about a right or wrong way to use it the language, in view of the observation of linguistic prejudice in society, through research, so that we understand that there is no variant better than the other.

**Keywords:** Linguistic variation. Linguistic attitude. Heterogeneity.

## LISTA DE GRÁFICOS

Figura 1.....	25
Figura 2.....	25
Figura 3.....	26
Figura 4.....	26
Figura 5.....	27
Figura 6.....	27
Figura 7.....	28
Figura 8.....	28
Figura 9.....	29
Figura 10.....	29

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA</b> .....	13
2.1 Ancorando a Sociolinguística Variacionista .....	13
2.2 O preconceito linguístico.....	15
2.3 Atitude do falante .....	15
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	16
3.1 Coleta de dados .....	17
<b>4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	18
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	22
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	23
<b>ANEXOS</b> .....	25

## 1. INTRODUÇÃO

A variação linguística trata das várias maneiras de dizer a mesma coisa, com mesmo valor de verdade, na interação do uso real da língua. Assim, o meio socio-histórico-cultural de cada indivíduo interfere fortemente na aquisição e interação do processo linguístico. É importante informar que a língua sofre interferências de vários fatores sociais como a origem geográfica, faixa etária, profissão, o gênero, grau de escolarização e outros diversos aspectos que constituem o sujeito falante. Em Bagno (2007), nós observamos que:

As pesquisas linguísticas empreendidas no Brasil têm mostrado que o fator social de maior impacto sobre a variação linguística é o grau de escolarização que, em nosso país, está muito ligado ao status econômico. [...] Estudos sociológicos apontam que existe uma relação muito estreita entre escolaridade e ascensão social: os melhores empregos e os postos de comando da sociedade estão reservados predominantemente aos cidadãos mais escolarizados (BAGNO, 2007, p. 44).

Logo, compreendemos que se nos atentarmos a esses fatores sociais conseguimos mostrar a realidade brasileira, no que diz respeito ao uso da língua conforme a sua variedade. Bagno (2007) explicita que as variações e mudanças sofridas pela língua emergem, também, através do que é denominado como “prestígio social” ou “variedades prestigiadas”, ou seja, o prestígio linguístico torna-se dependente da classe social na qual o indivíduo se encontra inserido. Não é surpreendente que as camadas menos favorecidas socialmente tendem a fazer o uso inexato da norma culta, enquanto os inseridos na classe mais alta tendem a fazer o uso dessa forma precisa e, assim, consideram o inexato “errado” socialmente.

Cria-se, então, uma pirâmide social na qual há uma hierarquia de classes e prestígios, que é responsável pelo que caracterizamos como variação linguística. Dessa forma, Labov (2008, p. 221) se posiciona e esclarece que “É comum que em uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer a mesma coisa”, e é a partir disso que surge a necessidade de compreensão sobre o que é variação linguística, para que não haja uma marginalização social no convívio interativo dos diversos grupos sociais.

Consequentemente, é partir da mencionada “pirâmide de privilégios” que surge o preconceito linguístico em relação às considerações acerca de “adequação” e “inadequação” no uso da língua segundo o que alguns escritores denominaram “protocolo de norma culta”. Entretanto, Bagno (2007) desconstrói as nossas internalizações acerca da “inadequação”, do “erro linguístico” e nos torna conscientes sobre o conhecimento de mundo que cada sujeito domina e do papel social desempenhado pela língua enquanto um produto em constante variação e mudança.

É importante, ainda, frisar que é muito comum flagrarmos a falta de conhecimento sobre a variação e mudança da língua e, por consequência, o aumento do preconceito linguístico em nosso meio social. Dessa forma, justificamos a importância de trabalhar com esta temática, principalmente na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, visando o conhecimento a partir da percepção de língua de sujeitos falantes de diferentes estados.

A percepção linguística consiste não somente na análise das atitudes do sujeito; mas também das crenças e valores que formam a consciência e identidade do falante perante a sociedade e seus fenômenos interacionais. Ao falarmos sobre consciência e identidade linguística no que concerne aos fatores sociolinguísticos, vemos que o julgamento interligado aos traços sociais e fatores da língua, por parte do ouvinte, são pontos cruciais na determinação da imagem linguística e social do falante. Isto é, de acordo com os nossos aspectos culturais e as nossas atitudes linguísticas, nós somos julgados de maneira positiva ou negativa pelo outro. Em relação ao que foi posto, Freire (2016, p. 51) expõe:

Neste sentido, há uma estreita relação entre a variação linguística e a percepção, uma vez que sobre processos variáveis, desencadeiam-se estereótipos, preconceitos, avaliação, atitudes, dentre outros. [...] Por isso, admite-se que, sobre qualquer uso linguístico, há imposições e expectativas de padrões de atitudes esperados pela sociedade. E as investigações de percepção linguística podem evidenciar aspectos da realidade das comunidades de fala pesquisadas (FREIRE 2016, p. 51).

Dessa forma, podemos inferir que as diferenças sociolinguísticas podem ser detectadas e/ou elencadas de acordo com esses estereótipos, preconceitos, avaliações e atitudes acima citadas. Tais tópicos são criados e distribuídos gratuitamente na sociedade, mais especificamente na comunidade de fala dos sujeitos. Ao observar esses valores, crenças e atitudes, entendemos que a linguagem é um fator que evidencia o uso da língua enquanto método facilitador de comunicação de um determinado grupo.

Diante do que foi exposto, temos como objetivo geral deste trabalho analisar a atitude linguística de cinco falantes do estado do Rio de Janeiro e cinco da Paraíba em relação à variação linguística e ao preconceito linguístico a partir de um questionário social. Os objetivos específicos são: a) despertar a consciência de que a nossa língua é formada por inúmeras variações; b) compreender e respeitar que essas variações são marcas culturais, não sendo consideradas “erros” gramaticais, mas sim a execução de uma prática social.

Esta é uma pesquisa de natureza descritiva, de cunho predominantemente qualitativo que foi desenvolvida a partir de análises feitas através de entrevistas realizadas pela ferramenta do *WhatsApp*. Esse instrumento facilita a comunicação virtual, principalmente nos dias atuais, em face da pandemia causada pela COVID-19 que impossibilitou o contato direto com o público alvo da pesquisa.

A análise tem como suporte teórico autores como Marcos Bagno (1999, 2007); William Labov (2008); Bortoni Ricardo (2005); Dante Lucchesi (2015) e Irlandé Antunes (2009); autores esses que nos trazem importantes ensinamentos sobre os diversos tipos de variação, os espaços que elas ocupam no contexto social, fazendo menção à heterogeneidade presente na língua e a forte influência da cultura na composição do eu social.

Para uma melhor organização, dividimos esse texto em cinco seções: na primeira, foram feitas as discussões iniciais sobre esse trabalho, apresentando justificativa e objetivos; na segunda há uma revisão da fundamentação teórica acerca do estudo da variação linguística em seus vários aspectos, entre eles teoria, objeto de estudo e legados sociais. Logo após, na terceira seção, encontramos o questionário social aplicado aos sujeitos falantes de diferentes estados, revelando o procedimento metodológico no qual a pesquisa foi desenvolvida. Na quarta seção, descrevemos/analizamos os dados desse questionário; o que ele tem a nos revelar em relação à percepção da variação linguística pelos falantes. Na quinta e última seção, encontramos as considerações finais acerca da pesquisa.

## **2. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

### **2.1 Ancorando a Sociolinguística Variacionista**

A teoria da sociolinguística variacionista surge por volta de 1968, através de William Labov (2008) com uma perspectiva que visa atender aos aspectos que interligam língua e sociedade. O autor é defensor de uma pedagogia da variação linguística, isto é, o reconhecimento de que a nossa língua materna é heterogênea, revelando, assim, a importância do meio sociocultural em que cada falante se encontra inserido no que diz respeito ao desenvolvimento linguístico.

Complementando o que propôs Labov, Bagno (2007, p. 36) aponta que “Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo”. Ou seja, a reorganização frequente e inacabada da língua é instruída pela interferência social, em que cada sujeito, à sua maneira de expressão, interfere na construção sociolinguística.

É importante, por conseguinte, entender a distinção entre a imagem de língua proposta pelas gramáticas como única e eficaz, e a imagem da língua em seu uso real, pois, segundo Bagno (2007), a língua se caracteriza como um processo que vive em constante reformulação. Por isto, torna-se relevante o ensino acerca da variação a fim de despertar a consciência e conhecimento de que esse conjunto de regras proposto pela gramática não se aplica e não funciona uniformemente nas camadas sociais.

Logo, compreendemos que é competência do professor, em sala de aula, ser a base construtora de conhecimento acerca das irregularidades presentes na língua, realizando uma função que desconstrua o paradigma entre o que é certo e o que é errado. Isto é, fazendo a distinção necessária entre esses aspectos e mediando a importância de nos tornarmos críticos e conscientes perante o preconceito linguístico que esse protocolo gramatical desperta em nossos posicionamentos. Bortoni (2005, p. 27) explicita que além de ser feita essa análise em sala de aula, é relevante atentarmos ao que ela denomina “*estratos sociais*”, vejamos:

Quando a língua-padrão é relacionada a classe e não a contexto, tal alternativa torna-se uma possibilidade remota. Devido a essas pressões sociais, a preservação da variedade popular no repertório linguístico do aluno é uma questão que está ainda a merecer muito estudo e reflexão (BORTONI 2005, p. 27).

A autora recomenda o respeito às peculiaridades de cada indivíduo, ao conhecimento do próprio ser humano e o acolhimento ao que aquela pessoa já possui internalizada para que não haja, como acima mencionado, insegurança linguística. Sendo assim, o conhecimento acerca das dificuldades que são associadas a língua vai sendo desmistificado e podemos expandir o acesso à essa mobilidade social.

Além disso, a partir do momento em que não há conhecimento desses “*estratos sociais*”, fazendo a adequada distinção do erro linguístico, nós passamos a idealizar a língua como algo mecanizado, assim como nos propõem alguns livros gramaticais, alimentando a concepção de única e eficaz forma de fazer o uso. Ou seja, não compreende que as variadas formas são adequadas e que o uso considerado “incorreto” é também um elemento relevante na estrutura composicional da língua. Por isto, muitas vezes consideramos a língua um processo “complexo”, pois o seu uso sofre influências de diferentes tipos de variação:

- a) Variação regional: associada a distâncias espaciais entre cidades, estados, regiões ou países diferentes; a variável geográfica permite opor, por exemplo, Brasil e Portugal;
- b) Variação social: associada as diferenças entre grupos socioeconômicos, compreende variáveis já citadas, como faixa etária, grau de escolaridade, procedência, etc.;
- c) Variação de registro: tem como variantes o grau de formalidade do contexto interacional ou do meio usado para a comunicação, como a própria fala, o e-mail, o jornal, a carta, etc. (MARTELOTTA, 2011, p. 145).

Notamos, então, que a nossa língua é um processo constituído por variações dependentes de fatores externos: tais como nível de escolaridade, a faixa etária, o registro, o ambiente e o contexto no qual o sujeito falante se insere. Além disso, o falante não estará alheio ao que será utilizado pelos outros falantes, ou seja, os costumes, sotaques, trejeitos, manias e forma discursiva será incorporada ao seu aporte linguístico.

## 2.2 O preconceito linguístico

O preconceito linguístico situa-se entre o que há de fato no uso real da língua e o que é prescrito nas gramáticas normativas; ou seja, existe uma confusão entre o que é certo e o que é errado na língua. Nas gramáticas normativas, vemos a língua sendo conceituada em todos os aspectos gramaticais de forma “correta”, mas no âmbito social flagramos uma língua como um instrumento adaptável ao contexto social de cada indivíduo. Isto é:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada” (BAGNO, 2007, p. 40).

Exposto isso, entendemos que a língua se adapta ao contexto do sujeito falante e é a partir dessa adaptação que surge o preconceito linguístico, pois o surgimento de diversos termos, formas de pronúncias e significados, de acordo com o meio social e cultural em que cada indivíduo se encontra inserido, gera desconforto para os que atentam apenas ao uso restrito da gramática normativa.

É por essa razão que Bagno (2007), nos livros “Nada na língua é por acaso” e “Preconceito Linguístico, o que é como se faz”, desmistifica nossas percepções sobre o ensino de gramática como a única e eficaz maneira de se aprender o dialeto, como também de que forma o ensino da língua deve ser contextualizado com a cultura e comunidade do sujeito.

Percebemos ainda que as diferenças de classes e identidades são fatores que perpetuam o preconceito linguístico. Segundo Bagno (2007), essas diferenças são alimentadas pelos meios de comunicação como rádio, televisão, livro, revista etc. através dos quais os transmissores insistem em ensinar sobre o considerado “certo” e “errado”, e a gramática normativa como sendo unicamente a detentora de todo saber. Entretanto, não podemos esquecer que, como bem explicita Saussure: “Assim como os seres se adéquam ao seu ambiente, a língua se adéqua ao seu contexto de certa forma [...] a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 1997, p. 16).

Quando analisamos de forma minuciosa esse posicionamento de Saussure, passamos a compreender a ignorância dos que desconsideram a relação entre língua e contexto, praticando o preconceito com aqueles sujeitos que fazem o uso das variantes que não são consideradas de prestígio socialmente.

Ainda em conformidade com Saussure (2006) e Bagno (2007), Antunes (2009, p. 19) também nos confirma que “língua, sociedade, cultura e identidade são fatores indissociáveis, que o povo tem uma identidade, que resulta dos traços manifestados em sua cultura, a qual, por sua vez, se forja e se expressa pela mediação das linguagens”. Ou seja, cada indivíduo, pertencente a um grupo social, possui características pessoais que não podem ser analisadas e vistas de forma individuais e isoladas, mas interligadas e dependentes uma das outras para a formação do ser enquanto sujeito social, pertencente a uma comunidade.

## 2.3 Atitude do falante

De acordo com Freitag (2016, p. 900), “Advinda da Psicologia Social, atitude é um construto mental, psicológico, difícil de definir e de mensurar. Em alguma medida, as atitudes podem predizer (ou não) o comportamento, e o comportamento pode (ou não) afetar as atitudes”. Dessa forma, para que consigamos mensurar as atitudes de determinados falantes, devemos analisar de forma direta os seus comportamentos perante os aspectos sociais da língua. Na pesquisa em questão, por exemplo, analisamos, a partir de um questionário, as atitudes dos

falantes no que se refere à variação supracitada, ao preconceito e suas percepções acerca desses dois tópicos.

Além disso, podemos inferir que através do nosso comportamento consciente ou inconsciente, a depender das nossas atitudes perante a ele, ficamos expostos ao julgamento social linguístico, isto é, uma atitude linguística particular, internalizada que, ao ser transpassada ao comportamento, torna-se um dos principais fatores do preconceito linguístico, uma vez que as pessoas verbalizam as suas atitudes dialetais e a interpretação do ouvinte é feita de maneira particular, julgando assim, se a maneira de verbalizar do falante é correta ou incorreta.

Isso ocorre porque as atitudes linguísticas do falante dependem do conhecimento de estereótipos presentes na comunidade de fala em que se encontra inserido. Sobre esses estereótipos e variantes linguísticas, Hora e Felipe (2015) apontam que “os indivíduos percebem sua presença na fala das pessoas e as utilizam para identificar um sotaque de uma região”. Ou seja, a nossa fala é julgada quando o propósito é identificar as nossas ou as características ou as de sujeitos falantes de determinado grupo. Vejamos o que expõe Bisinoto (2000):

Entretanto, não se vê controvérsia quanto ao fato de que, ao lado da variedade linguística existente numa comunidade, da manifestação concreta de falares diferenciados, há fenômenos de natureza social intrínsecos que afetam tanto linguística como politicamente os comportamentos e as relações dos habitantes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social. Nesta perspectiva, a atitude linguística e a social complementam-se, ou melhor, fundem-se nas ações e reações dos indivíduos [...] (BISINOTO, 2000, p. 36).

A partir disso, passamos a associar as atitudes linguísticas aos valores culturais e sociais do falante, no sentido de avaliar a percepção de fala do sujeito de acordo com sua comunidade, cultura, prestígio, status econômico, entre outros fatores, estando todos interligados à variação linguística.

Sendo assim, as considerações feitas sobre as atitudes linguísticas nos mostram a complexidade e a forma com que ela se apresenta em diferentes contextos na sociedade, fazendo-nos compreender o motivo pelo qual Hora e Felipe (2015, p. 100) mostram que “o conceito de atitude, contudo, nem sempre é facilmente delineado. Suas definições variam com o grau de elaboração e com o peso dado a diferentes traços de atitudes”. Dessa forma, é nisso que se concentra a função da atitude linguística no que se refere a variação: vincular a atitude do falante a uma sequência de fatores que reconheçam os seus traços sociais e linguísticos.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta é uma pesquisa de natureza descritiva de cunho qualitativo, pois, segundo Gil (2002) é na pesquisa descritiva que o pesquisador coletará e analisará as características de um determinado grupo; características essas que têm como objetivo determinar a idade, sexo, língua de uma comunidade. Sendo assim, o autor expõe:

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (GIL, 2002, p. 42).

Assim, a pesquisa qualitativa, denominada por Creswell (2007) como técnica qualitativa, é aquela na qual o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base principalmente em perspectivas construtivistas, logo:

Ela também usa estratégias de investigação como narrativas, fenomenologias, etnografias, estudos baseados em teoria ou estudos de teoria embasada na realidade. O pesquisador coleta dados emergentes abertos com o objetivo principal de desenvolver temas a partir dos dados (CRESWELL, 2007, p. 35).

A partir disso, faz-se necessário compreender a relevância de se trabalhar com a técnica do questionário social quando o objetivo é coletar dados, principalmente no intuito de compará-los a fim chegar a uma conclusão para resolver determinado problema. Isto é, o questionário é uma ferramenta viável de se trabalhar principalmente por colher dados empíricos, como por exemplo opinião, preferência, posicionamento do pesquisado, como citam Chaer; Diniz; Ribeiro (2011):

O questionário, segundo Gil (1999, p. 128), pode ser definido como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. (CHAER; DINIZ; RIBEIRO, 2011, p. 259).

Logo, passamos a compreender que o questionário é de grande valia quando trabalhado de maneira objetiva. Assim sendo, o pesquisador deve elaborá-lo com perguntas pertinentes de forma que consiga alcançar o objetivo da pesquisa. É importante informar que o questionário não deve ser complexo para não cansar o entrevistado, isto é, primar por uma entrevista interativa e com sincronia entre as questões, obtendo respostas breves e precisas.

### 3.1 Coleta de dados

O questionário social elaborado foi aplicado a dez falantes: cinco falantes residentes no estado da Paraíba e cinco residentes no estado do Rio de Janeiro, com faixa etária entre vinte e trinta anos. Os entrevistados são parentes e familiares, entre eles tios, primos e colegas da pesquisadora. Essa aproximação possibilitou um contato mais fácil e ágil através dos meios de comunicação do *WhatsApp*. Dois falantes são sujeitos nativos da Paraíba, mas que atualmente moram no Rio de Janeiro. Cinco são sujeitos nativos da Paraíba e que ainda residem na Paraíba e os outros três são nativos e moram no estado do Rio de Janeiro.

O estudo objetivou analisar a percepção desses dez falantes do estado do Rio de Janeiro e da Paraíba em relação à variação linguística e o preconceito linguístico a partir do questionário social. As entrevistas ocorreram de forma exclusivamente virtual devido à pandemia causada pela COVID-19, que impossibilitou o contato presencial com o público alvo da pesquisa. A ferramenta utilizada foi o *WhatsApp*, que é um instrumento tecnológico facilitador da comunicação nesse tempo pandêmico. Dessa forma, convidamos esses falantes e explicamos o intuito do nosso contato: pretendíamos realizar uma pesquisa acadêmica para a conclusão do curso sobre variação linguística, com enfoque no preconceito linguístico. Informamos ainda que todas as respostas seriam mantidas em sigilo e que nenhum pesquisado seria exposto.

A partir do questionário elaboramos um formulário virtual disponibilizado na plataforma Google, no qual pudemos anexar as perguntas – disponíveis no anexo – de nossa autoria e solicitar as alternativas. O site se encarregou de gerar um link que nos permitiu o envio através do *WhatsApp* aos nossos dez colaboradores. Após as respostas dos informantes na

plataforma virtual, o sistema capturou e salvou essas respostas para a efetivação da nossa análise. Abaixo, apresentamos o questionário:

1. Você sabe o que significa variação linguística?
2. Você já ouviu falar sobre preconceito linguístico?
3. Você já foi repreendido ou corrigido por alguém por falar de uma maneira diferente?
4. De acordo com o seu ponto de vista, é possível/correto as pessoas utilizarem diversas expressões para dizer a mesma coisa?
5. Você concorda que o nosso vocabulário pode variar de acordo com o ambiente em que estamos inseridos?
6. Acima falamos sobre a variação linguística e o preconceito linguístico presente em nossa língua, você considera importante trabalhar/estudar sobre eles?
7. Na sua região, o correto é abóbora ou jerimum?
  - 7.1 Dindin ou sacolé?
  - 7.2 Tangerina ou mexerica?
  - 7.3 Macaxeira ou Aipim?

O questionário foi elaborado no intuito de visualizarmos, na “prática”, o que nos ensina Antunes (2009) sobre o fato de a língua não ser vista como uma entidade concreta; o que existe de concreto são os falantes. A língua é abstrata e hipotética, pois o que há de concreto são os sujeitos falantes que utilizam de recursos linguísticos para se comunicarem e interagirem nos variados espaços sociais.

#### 4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa realizada teve um enfoque na análise frente às atitudes dos informantes, de diferentes regiões, acerca da variação linguística. Além disso, objetivamos compreender como o preconceito linguístico reflete o desconhecimento sobre a mudança sofrida pela língua no decorrer dos anos. Vamos, então, a análise das respostas ao questionário.

##### 1. Você sabe o que significa variação linguística?

Os dez entrevistados (cinco da Paraíba e cinco do estado do Rio de Janeiro) marcaram a opção que conheciam o significado do que seja o fenômeno da variação linguística. A partir disso, foi possível perceber que as questões não seriam de fora da realidade para eles.

##### 2. Você já ouviu falar sobre preconceito linguístico?

Neste questionamento, as respostas foram bem divergentes. Subdividimos em:  
**Estado do Rio de Janeiro:**

Sujeito 1<sup>2</sup>: Sim, já ouviu.

Sujeito 2<sup>3</sup>: Sim, já ouviu.

Sujeito 3<sup>4</sup>: Não, nunca ouviu.

Sujeito 4<sup>5</sup>: Sim, mas superficialmente.

---

<sup>2</sup> Nativo do RJ, nunca morou na PB.

<sup>3</sup> Nativo do RJ, nunca morou na PB.

<sup>4</sup> Nativo RJ, nunca morou na PB.

<sup>5</sup> Nativo da PB, mora no RJ há 05 anos.

Sujeito 5<sup>6</sup>: Não, nunca ouviu.

**Estado da Paraíba:**

Sujeito 1<sup>1</sup>: Não, nunca ouviu.

Sujeito 2<sup>2</sup>: Sim, mas superficialmente.

Sujeito 3<sup>3</sup>: Não, nunca ouviu.

Sujeito 4<sup>4</sup>: Sim, já ouviu.

Sujeito 5<sup>5</sup>: Sim, já ouviu.

Isto é, nesta segunda questão observamos a disparidade das atitudes linguísticas refletidas nas respostas. Apesar de as mesmas pessoas terem respondido que sabiam o que significava o fenômeno da variação linguística, algumas respostas indicaram “não” quando o tema foi o sobre conhecimento do preconceito linguístico. Logo, podemos pressupor o porquê desse preconceito, uma vez que ele já está enraizado na sociedade. Soma-se o fato de que muitas pessoas não têm acesso a essas informações e acabam sofrendo ou praticando o preconceito sem notar o peso dessa atitude.

Como bem aponta Hora; Felipe (2015, p. 101), “a fim de melhor entendermos o processo de percepção da fala humana, necessitamos aprender mais sobre como as principais fontes de variação são percebidas e codificadas ao longo da mensagem linguística do enunciado”.

Ou seja, para compreendermos a mensagem linguística do enunciado, não é necessariamente preciso que se esteja sendo falado gramaticalmente correto. É por isto que nós precisamos estar atentos aos contextos sociais para empregar, ou não, as normas gramaticais à fala, a fim de contribuímos com a diminuição dessa “ignorância” propagadora do preconceito. A seguir, questionamos sobre a censura no que diz respeito ao discurso:

### **3. Você já foi repreendido ou corrigido por alguém por falar de uma maneira diferente?**

Para esta pergunta, as respostas dos dez informantes foram marcadas que “sim”, já haviam sido repreendidos ou corrigidos por alguém por ter se expressado de maneira diferente do seu grupo social.

Observamos que, entre os dez sujeitos entrevistados, todos já foram alvos do preconceito linguístico em algum momento de suas vidas. Essa prática de correção e repressão de quem se expressa de maneira diferente está enraizado na maioria de nós-sujeitos e isso muitas vezes acontece de “modo automático” ao ouvir uma expressão que aparentemente não é a correta, revelando a ideia de língua homogênea.

É como nos informa Ramos (2011): nós precisamos combater a ideia de que a língua falada no Brasil é uma língua uniforme. Isto é, precisamos estar atentos à heterogeneidade da língua, à evolução linguística, para assim compreendermos que o que é posto como correto para um pode ser divergente para outro.

A partir das atitudes de alguns dos falantes percebemos que eles se sentiram inferiorizados com a repressão, pois falam da maneira que foram “ensinados” quando começaram a captar os códigos linguísticos. Nossa próxima questão visou adentrar o contexto da variação da língua, buscando compreender a relação de disparidade entre expressões.

---

<sup>6</sup> Nativo da PB, mora no RJ há 03 anos.

<sup>1</sup> Nativo da PB, nunca morou no RJ.

<sup>2</sup> Nativo da PB, nunca morou no RJ.

<sup>3</sup> Nativo da PB, nunca morou no RJ.

<sup>4</sup> Nativo da PB, nunca morou no RJ.

<sup>5</sup> Nativo da PB, nunca morou no RJ.

**4. De acordo com o seu ponto de vista, é possível/correto as pessoas utilizarem diversas expressões para dizer a mesma coisa?**

Para este questionamento, os cinco sujeitos do estado da Paraíba votaram na opção “sim”. Os quatro do estado do Rio de Janeiro também votaram “sim” e apenas um do estado carioca votou “não”. A partir disso, notamos que as atitudes linguísticas dos falantes são de compreensão acerca do sentido da variação da linguística, isto é, as variadas formas de dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade. Entretanto, apenas um deles, mesmo votando na questão anterior que já sofreu repressão, acredita que só existe uma maneira correta de se expressar.

O que nos leva a refletir que este é um sujeito reproduzidor do preconceito linguístico em seu meio social. Tal afirmação parte da premissa de que, segundo o pesquisado, há apenas uma maneira correta de falar. Observamos, ainda, que essa é a mesma atitude de alguém que, conseqüentemente, corrige ou pensa em corrigir alguém no momento de fala sem levar em consideração o meio social e cultural do indivíduo, pois, como coloca Freire (2016):

A análise dessas crenças e atitudes pode evidenciar como isso ocorre na prática cotidiana da linguagem, confirmando o que aponta Fernández (1998) ao dizer que a língua se torna, em seu uso, como símbolo de relacionamento de um grupo, ou entre grupos socialmente estabelecidos (FREIRE, 2016, p. 55).

Segundo o que é posto por Freire (2016), conseguimos ver a língua na sua funcionalidade: possibilitar o vínculo comunicativo entre os grupos socialmente estabelecidos, entendendo assim a importância de compreender a língua enquanto fenômeno comunicativo e não apenas como um conjunto de normas gramaticais. Na quinta pergunta optamos por seguir o viés geográfico, questionando aos entrevistados sobre os vocabulários.

**5. Você concorda que o nosso vocabulário pode variar de acordo com o ambiente em que estamos inseridos?**

Obtivemos para esta questão dez votos para a opção “sim”, ou seja, todos os participantes dos diferentes estados votaram que é possível o nosso vocabulário-palavras ser alterado de acordo com o ambiente em que estamos inseridos. Vemos que há contradição em algumas respostas como a do sujeito que respondeu saber o que significa variação linguística na questão 01, e responder que já foi alvo de repressão ao ter se pronunciado de maneira particular na questão 03; respondeu ainda que não é possível as pessoas utilizarem diversas formas para dizer a mesma coisa.

Mas, em partes, os sujeitos conseguem captar a ideia da variação do vocabulário de acordo com a situação de comunicação e isso já é bastante significativo no que diz respeito à consciência social a fim de que esse preconceito seja combatido na nossa sociedade. Sobre isso, Lucchesi (2015) nos expõe que não é uma ideia muito complexa a de que qualquer língua humana viva admite formas diferentes de dizer a mesma coisa.

Isto é, não é algo fora da realidade humana compreender a existência da variação linguística, por conseguinte, é relevante que compreendamos os diferentes contextos e culturas em que cada sujeito se encontra. A partir dessa análise, vemos que os falantes sofrem influência do prestígio dos traços linguísticos de outra região e passam a alterar o seu vocabulário-palavras para assim se sentirem inclusos na comunidade. Na sexta pergunta, partimos do viés de estudo, questionando aos pesquisados sobre a importância de tal feito.

**6. Acima falamos sobre a variação linguística e o preconceito linguístico presente em nossa língua, você considera importante trabalhar/estudar sobre eles?**

Neste questionamento, obtivemos dez respostas para a alternativa “sim”, ou seja, os sujeitos de ambos os estados consideram relevante os trabalhos acerca do assunto. Vejamos o que Bagno (2007) nos mostra sobre a importância de se trabalhar a variação linguística:

Uma segunda razão muito importante para que a variação linguística se torne objeto e objetivo do ensino de língua é a profunda transformação do perfil socioeconômico e cultural da população que frequenta as escolas públicas brasileiras, seja para ensinar, seja para aprender (BAGNO, 2007, P. 30).

Dito isto, constatamos que se a variação linguística fosse apresentada da devida maneira nas escolas brasileiras, não tínhamos tantos danos causados pela desinformação das pessoas acerca do tema. E sabemos que a desinformação gera o preconceito. Na sétima e última questão, trabalhamos diferentes vocábulos regionais.

**7. Na sua região, o correto é abóbora ou jerimum? Dindin ou sacolé? Tangerina ou mexerica? Macaxeira ou aipim?**

**Estado do Rio de Janeiro:**

Sujeito 1: Abóbora/ Sacolé/ Mexerica/ Aipim

Sujeito 2: Abóbora / Sacolé/ Mexerica/ Aipim

Sujeito 3: Abóbora/ Sacolé/ Mexerica/ Aipim

Sujeito 4: Jerimum/ Dindin/ Tangerina/ Macaxeira

Sujeito 5: Jerimum/ Dindin/ Tangerina/ Macaxeira

**Estado da Paraíba:**

Sujeito 1: Jerimum/ Dindin/ Tangerina/ Macaxeira

Sujeito 2: Jerimum/ Dindin/ Tangerina/ Macaxeira

Sujeito 3: Jerimum/ Dindin/ Tangerina/ Macaxeira

Sujeito 4: Jerimum/ Dindin/ Tangerina/ Macaxeira

Sujeito 5: Jerimum/ Dindin/ Tangerina/ Macaxeira

Nesta questão, obtivemos respostas distintas que exemplificam bem as atitudes dos falantes frente à variação linguística em nossa língua. Utilizamos termos (**abóbora, jerimum, dindin, sacolé, tangerina, mexerica, macaxeira, aipim**) que variam de acordo com as regiões, isto é, termos que são utilizados no estado do Rio de Janeiro que dificilmente são utilizados no estado da Paraíba e vice-versa.

Porém, ao analisar as respostas dos informantes residentes no Rio de Janeiro, notamos semelhança com as respostas dos sujeitos da Paraíba e isso se explica pois os sujeitos quatro e cinco, inseridos na lista do Rio de Janeiro, moraram na Paraíba anteriormente. Então, percebemos que eles continuaram utilizando os termos aprendidos em solo nordestino e continuam se expressando da mesma maneira sem se sentirem inferiorizados, como também não sentem a necessidade de mudar os seus modos para serem aceitos em determinada região. Observamos, assim, que eles não sofreram influência daquela comunidade linguística e continuaram com a sua cultura e costumes. Antunes (2009, p. 23) explica bem essa passagem, quando nos expõe,

A língua é, assim, um grande ponto de encontro; de cada um de nós, com os nossos antepassados, com aqueles que, de qualquer forma, fizeram e fazem a nossa história. Nossa língua está embutida na trajetória de nossa memória coletiva. Daí o apego que

sentimos à nossa língua, ao jeito de falar do nosso grupo. Esse apego é uma forma de selarmos nossa adesão a esse grupo (ANTUNES 2009, p. 23).

A partir disso, vemos a nossa língua enquanto união de todos os nossos valores e construção da nossa identidade. É a partir dos nossos traços linguísticos que revelamos as nossas origens e, como aponta Antunes (2009), selamos adesão ao grupo, ou seja, selamos a nossa relação com a comunidade de fala, com o povo e com a cultura a qual fomos apresentados.

Observamos que a variação regional, também conhecida por variação diatópica, de acordo com Bagno (2007, p. 46), “é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões e estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades”. Esse tipo de variação é bastante produtivo no português do Brasil pelo fato de existir diferentes regiões com uma cultura própria e tradições diferentes influenciando nosso modo de falar.

Assim, como mostramos na última questão, nossa língua dispõe de vários termos para indicar um único objeto, como por exemplo macaxeira/mandioca/aipim e abóbora/jerimum/moranga. Todas essas palavras estão corretas perante a gramática tradicional; já estão dicionarizadas, inscritas no léxico da língua. Logo, o que determinará a escolha de um termo e não o outro, serão aspectos relacionados a fatores sociais e, mais especificamente, regionais nos quais o falante esteja inserido.

É importante informar que a influência do contexto regional na língua do sujeito é muito significativa. Por exemplo, quando os indivíduos nascem e constroem a sua identidade linguística em uma determinada região do país e se mudam para outra região, dificilmente perdem a origem dos primeiros traços linguísticos que lhe foram apresentados. Isso ficou claro no questionário aplicado: dois sujeitos nasceram e cresceram na Paraíba, mudaram-se para o Rio de Janeiro, mas continuaram fazendo o uso dos termos que aprenderam na região natalícia, revelando, assim, suas identidades. Antunes (2009, p. 23) nos informa que,

Na verdade, a língua que falamos, deixa ver de onde somos. De certa forma, ela nos apresenta aos outros. Mostra a que grupos pertencemos. É uma espécie de atestado de nossas identidades. Revelamo-nos pela fala. Começamos a dizer-nos por ela. Simplesmente pelas formas, pelos sons. Pela entonação. Pelo jeito que falamos (ANTUNES, 2009, p. 23).

Então, é perceptível a origem regional e identidade de uma pessoa simplesmente pela forma de utilização da língua. Entretanto, não foi o caso da nossa pesquisa, há pessoas que se mudam para outra região e começam a falar os termos, pronúncias e sotaques daquele novo lugar. Isso pode ocorrer devido à pressão social que elas sofrem no novo ambiente, obrigando-as a mudar as suas atitudes linguísticas para se sentirem aceitas nos grupos, trabalho e escola. A pressão social, então, obriga que seja aprendida a nova forma linguística do lugar para elas serem aceitas socialmente e não sejam vítimas do preconceito linguístico.

Ademais, o preconceito linguístico deve ser execrado, tendo em vista a existência de diferentes regiões e de suas peculiaridades, crenças. Logo, torna-se importante o conhecimento sobre a língua para que haja o respeito às diferentes formas de expressão de um determinado grupo e região. Constatamos, assim, que não existe uma maneira melhor, correta ou mais bonita de falar, mas que todas exercem a sua função no processo comunicativo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa vimos que a língua é heterogênea, que vive em constante evolução e essa evolução é incontestável. É fato que a linguagem sofre grande influência de aspectos

geográficos, sociais, culturais e que ao sofrer essa influência, no processo evolutivo, ela vive um processo no qual chamamos de variação linguística.

O estudo também nos permitiu refletir acerca da riqueza que é a nossa língua apresenta e da consciência que devemos ter quando falamos em língua culta ou popular. Essa consciência se relaciona ao conhecimento sobre a diversidade da língua presente nos discursos das mais diversas esferas da população. É por isto que se faz importante atentarmos para as nossas atitudes linguísticas acerca de um jeito certo ou errado de utilizar a língua e que não existe uma variante melhor do que a outra. Este reconhecimento é o principal enfoque do estudo sobre a ótica da variação linguística.

Com a aplicação do questionário, pudemos observar os conhecimentos dos informantes sobre a variação linguística e o preconceito linguístico, nas mencionadas regiões, à medida na qual analisamos as suas atitudes.

Algumas respostas revelaram atitudes de preservação da cultura paraibana que, já está enraizada, apesar de alguns estarem expostos à cultura de outro estado, não perderam a sua identidade paraibana que foi mostrada linguisticamente.

Portanto, o objetivo geral e os específicos da referida pesquisa foram alcançados, pois conseguimos analisar a atitude linguística dos informantes quanto à variação e o preconceito linguístico de acordo com as suas respostas ao questionário. Em relação aos específicos, podemos avaliar que conseguimos despertar, nos informantes, a consciência acerca da língua enquanto produto social em constante variação e mudança; e a necessidade de respeitar essas variações que são marcas culturais e “erros” gramaticais.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. 2009. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é como se faz?** São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolingüísticas em Cáceres-Mf: efeitos do processo migratório**. Campinas, SP: [s.n.], 2000.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola, 2005.

CRESWELL, John. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. –Porto Alegre: Artmed, 2007.

CHAER, G.; DINIZ, R. R. P.; RIBEIRO, Elisa Antônia. **A técnica do questionário na pesquisa educacional**. Evidência, Araxá, v. 7, p. 251, 2011. Acesso em: 16 de julho de 2021, às 08:35.

FREIRE, Josenildo Barbosa. **Variação, estilo, atitude e percepção linguística: o caso das laterais /ʎ/ e /I/ no falar paraibano**. 235f. Tese de doutorado - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro.** Delta, São Paulo, 2016.

GIL, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5ª Ed. São Paulo: Atlas 1999.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa.** - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

HORA, D.; FELIPE, P. L.H. **Como as restrições sociais e estruturais compõem a identidade do falante.** Porto Alegre: Letras de hoje, 2015.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LUCCHESI, Dante. **Língua e Sociedade Partidas: A polarização sociolinguística do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2015.

MARTELOTTA, Eduardo (Org.). **Manual de linguística.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

RAMOS, Heloisa. **Por uma vida melhor.** São Paulo: Global, 2011.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

## ANEXOS

Figura 1

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Descrição do formulário

1. Você sabe o que significa variação linguística?

Sim

Não

2. Você já ouviu falar sobre preconceito linguístico?

Sim

Não

Ativar Acesso

Fonte: elaborada pela autora.

Figura 2

3. Você já foi repreendido ou corrigido por alguém por falar de uma maneira diferente?

Sim

Não

4. De acordo com o seu ponto de vista, é possível/correto as pessoas utilizarem diversas expressões para dizer a mesma coisa?

Sim

Não

5. Você concorda que o nosso vocabulário pode variar de acordo com o ambiente em que estamos inseridos?

Sim

Não

Ativa Acesso

Fonte: elaborada pela autora.

Figura 3

6. Acima falamos sobre a variação linguística e o preconceito linguístico presente em nossa língua, você considera importante trabalhar/estudar sobre eles?

Sim

Não

---

7. Na sua região, o correto é abóbora ou jerimum?

Abóbora

Jerimum

---

Dindin ou sacolé?

Dindin

Sacolé

Ativa  
Acervo

Fonte: elaborada pela autora.

Figura 4

...

Dindin ou sacolé?

Dindin

Sacolé

---

Tangerina ou mexerica?

Tangerina

Mexerica

---

Macaxeira ou aipim?

Macaxeira

Aipim

Ativa

Fonte: elaborada pela autora.

Figura 5



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 6



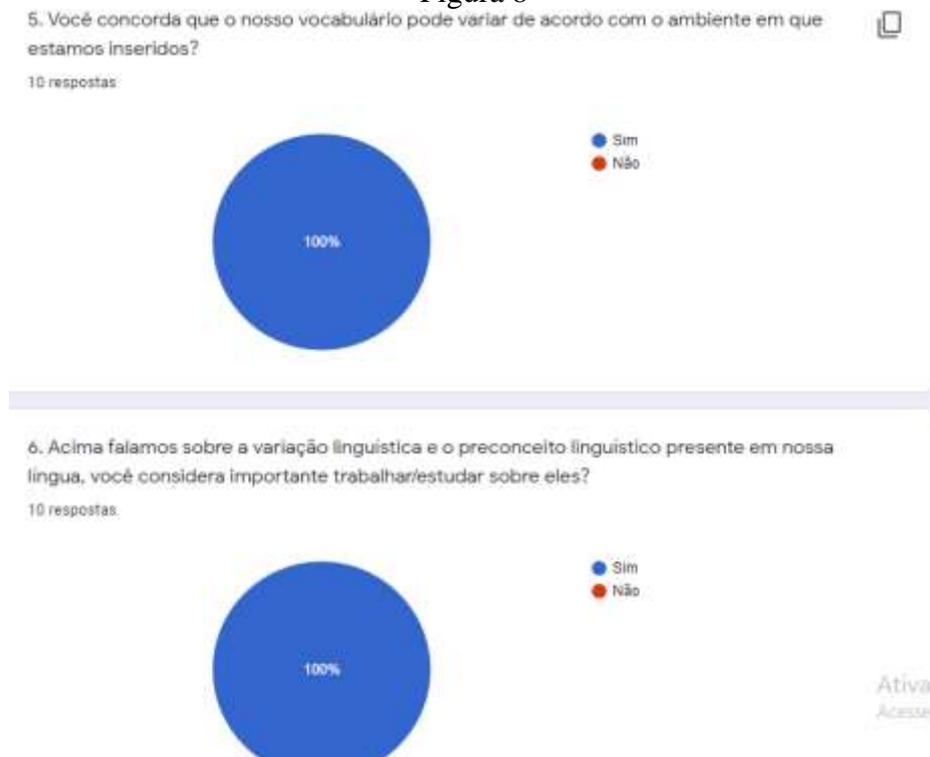
Fonte: elaborada pela autora.

Figura 7



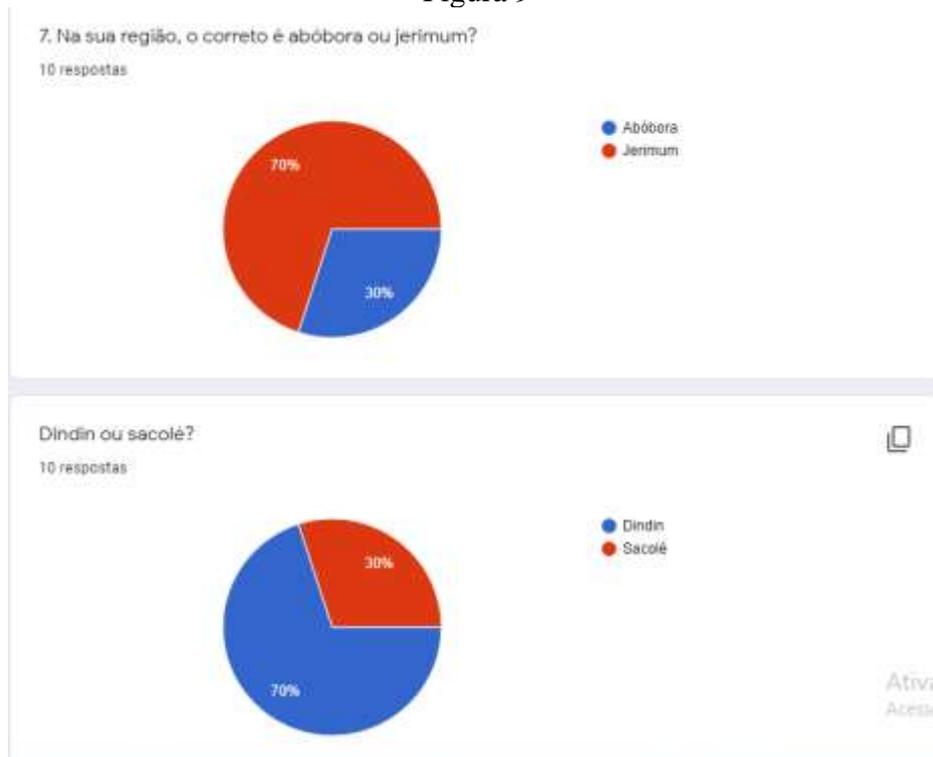
Fonte: elaborada pela autora.

Figura 8



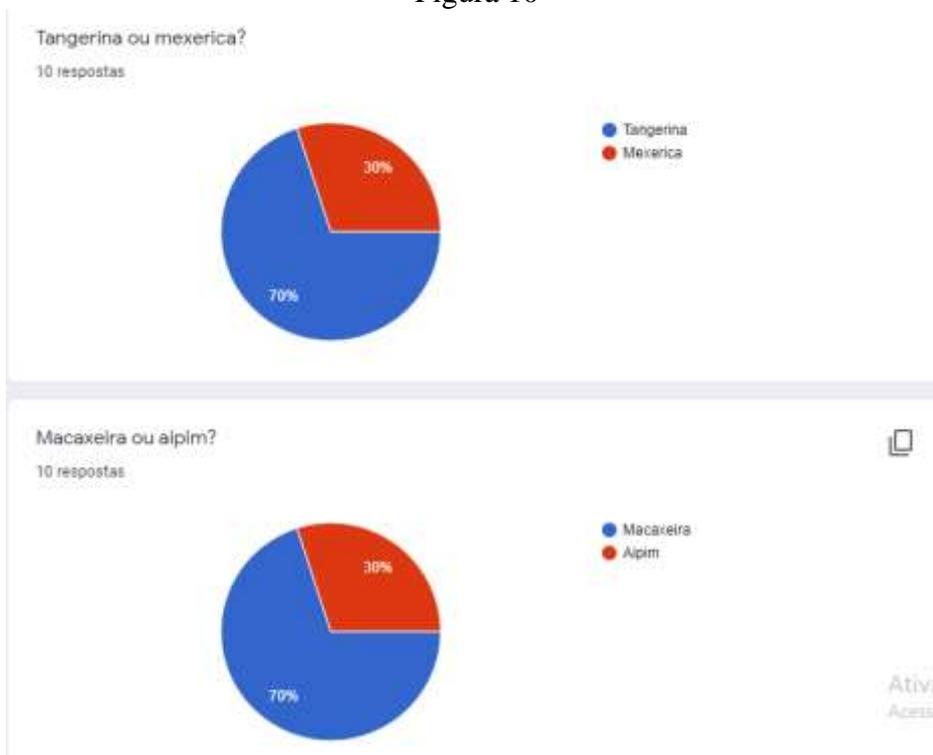
Fonte: elaborada pela autora.

Figura 9



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 10



Fonte: elaborada pela autora.